

As comemorações da TORRADA DA BASTILHA, em 1968, ao mesmo tempo que assinalam uma gloriosa jornada de luta dos nossos colegas de 1820, têm de inserir-se numa visão dinâmica do Movimento Estudantil, constituindo assim uma plataforma onde as lições do passado entroncadas no momento presente gerarão as linhas mestras do futuro.

Depois de alguns meses de luta de significação bem concreta, que se estendeu das salas da Universidade às ruas da Baixa, urge que saibamos unificar numa mesma perspectiva todas as suas fases, depois de a cada uma delas atribuirmos o seu verdadeiro valor. É isto a análise crítica de uma prática em que todos estivemos envolvidos e de cuja relação com o contexto social e político que a integra se devem concluir as normas de conduta mais adequadas à construção da Universidade Nova no seio duma Sociedade Nova.

Poderá parecer anormal o facto de a um período de aguda contestação, durante o qual estruturas repressivas são postas em causa, suceder uma situação de impasse? Sim, se não tivermos consciência de que, em Portugal, qualquer tentativa verdadeiramente democrática constitui um atrevimento a de que o Governo dispõe de todo um aparelho repressivo, justificado na legislação de que só ele é responsável, preparado para nos esmagar de mínimo sinal de vida. Assumem estas tentativas de esmagamento a feição que um dado "condicionalismo" determina. Assim, desde os cassetetes e gases lacrimogénicos até ao encerramento das Associações, passando pelos processos disciplinares, prisões pela PIDE e Judiciária e envio para a tropa de alguns dos estudantes que se mostram mais conscientes da sua missão de universitários, as autoridades dispõem de um rol de medidas repressivas que no caso concreto da passada crise de Coimbra, utilizaram por junto. Usaram ainda culminar as suas manobras com a expulsão de dois assistentes, acto significativo do perigo que oferece às estruturas caducas a convergência de lutas, ainda que a níveis diferentes, por uma nova Universidade. Terão elas por qualquer forma maculado o movimento em que todos estivemos empenhados? Nunca no seu substracto, pelo que as vitórias através dele obtidas se tornam perfeitamente irreversíveis, mas apenas na medida em que foi prejudicada a sua continuidade imediata. Devemos, então, concluir que a situação em que nos encontramos não é de forma nenhuma desanimadora, constituindo os obstáculos que se nos deparam apenas o resultado da repressão governamental que sempre se abate nos períodos de inevitável refluxo que sucedem a crises como a passada.

Torna-se, pois, necessário que este 25 de Novembro nos restitua a confiança na luta de massas e a convicção de que esta só será possível se soubermos reconstruir toda a pirâmide sindical, com uma escala de atribuições perfeitamente definidas. Uma vez conseguida a harmonia interna das estruturas estudantis e estabelecida a sua correcta interligação, o que pressupõe uma prévia e ampla discussão do conteúdo em que se inserem, resta-nos corporizar a luta pelos objectivos que nos propomos atingir.

Temos vindo a lutar por uma Universidade que não só nos dê uma boa preparação técnico-científica, como também, e fundamentalmente, nos saiba integrar numa perspectiva humanista, não através do qual ela própria se instituiria em foco de progresso e cultura e não mais num instrumento de manutenção do status quo. É por este modo que os estudantes, ainda que constituindo um grupo social bem definido, se afastam definitivamente da sua antiga posição de isolamento da sociedade, abdicando, portanto, do carácter corporativo dos seus movimentos reivindicativos, em favor da via sindical, forma como passam a atribuir a si próprios um novo significado. Passam a definir-se como jovens trabalhadores intelectuais, futuros quadros da Nação, pelo que se julgam no direito de participar na discussão de toda a problemática nacional, através de uma Universidade que defendem dever ser independente do poder político. Nesta ordem de ideias e consciências de Sociedade e Universidade se correspondem dialecticamente, devemos estar atentos à evolução normal daquela para que possamos prever nesta as consequentes alterações. Vem isto a propósito da constatação de uma tendência, já concretizada em alguns países da Europa, de tecnocratização da Universidade, ou seja, da sua escravização pelo processo produtivo. Surgiria, assim,

a possibilidade de satisfação parcial de algumas das nossas reivindicações como tentativa de nos comprometer no citado processo, sem que, no entanto, nos fosse dado o direito de o discutir. Virão estes novos elementos impor uma alteração substancial da nossa estratégia? Não, pois só nos apascentamos desprevenidos se, em qualquer circunstância, desvincularmos as nossas reivindicações das perspectivas em que se encontram dimensionadas que, desde logo, subordinam a uma concepção humanista de mundo todas as forças que eventualmente venham a tentar subordinar a Universidade.

Então, ganhemos hoje, TOIADA DA BASTILHA, nova ânimo, reacquiramos a nossa expressão colectiva, com base num núcleo de organização que tenha de saber edificar e, dentro em breve, com a Associação Académica de Coimbra conquistada, partiremos para novas jornadas de luta.

Coimbra, 25 de Novembro de 1960

O COMITÊ DAS REPÚBLICAS